



SÁBADO, 6 DE JANEIRO DE 2001



Cláudio Duarte

Não foi Deus quem fez você

Como ficam os poetas diante de musas mais cirúrgicas que divinas

João Ximenes Braga

A música popular brasileira sobreviveu com dignidade à censura, à hegemonia mundial do pop americano, aos teclados Yamaha dos anos 80, às capas dos discos do Roberto Carlos. Conseguirá, porém, sobreviver ao silicone?

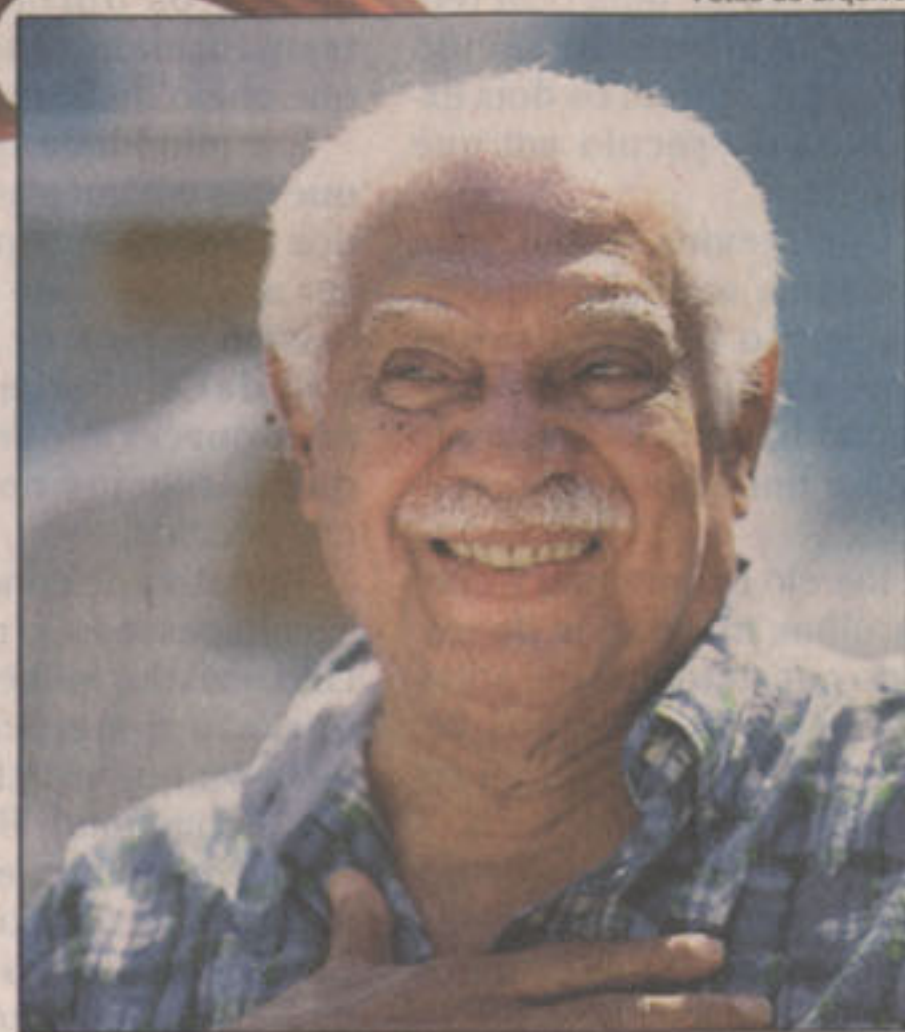
É sério: a tradição mais perene de todas as vertentes da MPB é a elegia à beleza natural da mulher. Musas, por definição, são divindades que ajudam o poeta a estabelecer um diálogo com o sublime. O exemplo mais óbvio é o hit de Amelinha "Foi Deus que fez você". Mas até a moleca que passa em Ipanema é uma coisa cheia de "graça", palavra que originalmente significa uma virtude concedida por Deus — não pelas mãos hábeis porém vulgarmente humanas de um cirurgião.

E de forma ainda mais específica, esse tipo de metáfora sempre esteve presente na formação da identidade nacional. Os olhos verdes da mulata são da cor do mar, da cor da mata; isto é, muitas vezes o feminino simboliza as riquezas naturais do país e sua miscigenação.

Continua na página 2



Fotos de arquivo



"A beleza artificial não inspira carinho, nem amizade, nem amor, nem poesia. As mulheres estão ficando todas iguais"

DORIVAL CAYMMI, compositor



"Só não falei do peito turbinado porque já é tão natural que nem me toquei. Depois que apertei o tal do silicone, adorei"

DUDU NOBRE, compositor

HUGO SUKMAN

Século passado

• PARIS. O prédio é do século XVIII. A cadeira é Luis XIV. A mesa, Napoleão III. Sobre ela o computador, de 1997 (que não é representado em romanos), o único objeto obsoleto. Se, como disse Michelet, uma época adivinha ou antecipa a outra, não sei em que época estou, nem consigo supor o que há de vir. De repente, é a isso que há uns 20 anos chamavam de pós-modernidade.

Estou em Paris, capital do século XIX, que adivinhou — como mostrou um judeu pessimista, Walter Benjamin — o feérico e modernista século XX. As galerias abarrotadas, as luzes artificiais nos olhos, o cinema que passou a congelar o tempo com suas imagens em movimento, a multidão se concentrando na grande cidade, o homem transformando-se em consumidor, a correria oprimindo, a indústria cultural divertindo, tudo isso era a Paris do século XIX. Judeu, tudo bem, também sou. Pessimista nem tanto, questão de temperamento, pelo menos enquanto houver um botiquim, na Muda ou no Leblon, a me esperar para mais um trago e um samba inédito (como eu não conhecia?) de alguém do Salgueiro ou da Serrinha.

Mas é impossível olhar para o lado e, forçado a pensar no século XX (é o meu, o nosso século, ora bolas), não olhá-lo com certo pessimismo. Não pelo que ele foi mas pelo que anunciou. Admiro, leio encantado, o ovo de Colombo de definição dado pelo historiador Eric Hobsbawm, de que o século foi, em última análise, breve. De 14 a 90, da Primeira Guerra (o primeiro massacre em escala global) à queda do Muro de Berlim e da utopia socialista naufragada em barbárie. Mas me desagrada admitir que uma guerra para resolver questões tribais do longo século XIX e o ocaso de má leitura de uma bela teoria igualmente do século XIX representem os dois extremos do século em que nasci.

Começamos, então, sem nenhuma ambição de contradizer o bom Hobsbawm (que ama o jazz, logo é cidadão honorário do século XX) a tentar pensar no século.

Revejo Drummond e com os olhos marejados de exilado constato que ele adivinhou-o logo nos anos 20: "Meus olhos brasileiros sonhando exotismos. Paris. A torre Eiffel alastrada de antenas como um caranguejo. Os cais bolorentos de livros judeus e a água suja do Sena escorrendo sabedoria". Ora direis ler alguém que escreveu hoje sobre amanhã — a não ser, obviamente pelas águas do Sena, já não tão sujas e por esse escorrer de sabedoria, já não tão sábia.

O modernista Drummond tentava talvez mostrar que o século nascente pularia a si próprio, mais breve que o de Hobsbawm. E olha que ele não vira ainda o Holocausto que mataria Benjamin e muitos outros, judeus ou não, pessimistas ou não. E não vira o festival de torturas, o progresso concentrado em

classes e hemisférios, os dedos que apertavam botões sem imaginar que do outro lado o botão doía como uma pedra de uma tonelada na cabeça de alguém.

Seria melhor, Drummond estava certo sem saber, que o século não existisse, fosse um facho estroboscópico, pulasse de imediato da torre do século XIX para as antenas da aldeia global do século XXI.

Mas em compensação não se teria Drummond, nem Benjamin, Hobsbawm e o jazz. E o futebol de Garrincha, o cinema de Rossellini ecoando em Godard e Glauber, e a "Rhapsody in blue" de Gershwin realizando sua vocação de trilha sonora em Woody Allen, a poesia concreta e a poesia dos contra a poesia concreta (a mais selvagem e deliciosa das guerras do século), e o impressionismo de Debussy, o piano não tocado mas acarinhado por Tom Jobim, a voz de Sinatra, as cantoras negras, e as mulheres do século, as mais bonitas da história porque livres. E a gargalhada outro dia de Henri Salvador, aqui na televisão, ao constatar que depois de fazer concessões a sábios produtores e não vender nada, fez um disco como queria e, aos 83 anos, foi o campeão de vendas na França (essa história é ou não é puro século XX?). E o final de "Aurora", de Murnau, o maior filme do século, no qual o casal separado pelas ambições desmedidas se reencontra e a cidade que os oprime vai se transformando num bosque cheio de flores...

E a infinidade de coisas que nós estamos acostumados a amar e que poderíamos ser arroladas aqui como se fossem versos de uma *list song* de Cole Porter feita para esquecer a dor e fingir que nascemos no melhor dos séculos.

Tentativa de conclusão: o século passado, o nosso século, existiu, foi belo, nós é que não o merecemos (é por isso que existiram, talvez, Drummond, Benjamin, etc.). Ou melhor, ele talvez não tenha existido mesmo. Como Cartola, na palavra de Nelson Sargento, foi um sonho que a gente teve.

Muitas vezes pesadelo.

■ ■ ■ ■ ■

E, já que é mesmo preciso ler Drummond, esse poeta do século passado que está para começar, que tal acabar com ele: "Para ganhar um ano-novo que mereça este nome, você, meu caro, tem de merecê-lo, tem de fazê-lo novo, eu sei que não é fácil, mas tente, experimente, consciente. É dentro de você que o Ano Novo cochila e espera desde sempre". No fundo era isso que quem chorou o século talvez estivesse pensando.

NÃO FOI DEUS QUE FEZ VOCÊ • Continuação da página 1



PLÁSTICA

institucional: até a "Playboy" anunciou os artificios cirúrgicos de Scheila Carvalho (acima) e Carla Perez (à direita) como armas de venda



Fotos de arquivo

"Apesar de robocopizada, a mulher continua tendo aquilo que a gente gosta"

FAUSTO FAWCETT
Compositor



"Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça, é ela menina que vem e que passa, num doce balanço a caminho do mar"

VINÍCIUS DE MORAES
Poeta

A busca da rima para bisturi

Na época do clássico "Marina", a musa não podia usar nem maquiagem

Agora que o verde-mata pode vir de lentes de contato e as virtudes mais visíveis são comumente concedidas com anestesia local, parece que os homens, em geral, não desgostam da idéia. Pelo menos a julgar pelo grande termômetro do tesão nacional. Por duas edições seguidas da "Playboy", a de Esqueila — digo, Scheila — Carvalho em novembro, e a de Carla Perez em dezembro, os artificios cirúrgicos foram armas de venda. "Apresentamos os novos seios de Scheila", dizia o pôster de banca de uma; "A nova Carla Perez", dizia a manchete da outra. Mas essa nova mulher meio cyborg será capaz de inspirar poetas?

E pensar que, em fins dos anos 50, Dorival Caymmi ficou de mal com "Marina" só porque ela tinha se pintado.

— A beleza artificial não inspira carinho, nem amizade, nem amor, nem poesia — vaticina o mestre, que acaba de lançar uma caixa de CDs com a maior parte de suas gravações — Quando fiz "Marina", já estava combatendo isso. E hoje o compositor nem pode mais escrever sobre uma musa com nome próprio. As mulheres estão ficando padronizadas, todas iguais, como as coristas do Rockefeller Center de antigamente.

Nem outro extremo, Marcos Valle foi um pioneiro ao registrar em música os primeiros passos rumo à institucionalização da *bodymodification* no Rio. É verdade que o refrão "Tem que malhar/Tem que suar" não está entre os momentos mais felizes de sua carreira, musicalmente falando, mas a canção refletiu com perfeito senso de oportunidade a febre da escultura corporal que começou nos anos 80. Valle, porém, insiste que em sua visão

a ginástica significava mais saúde que manipulação do corpo, e diz lamentar que seu hit de rádio possa ter tido alguma influência para que a vaidade chegasse ao atual estado.

— Essa mulher alterada não me inspiraria nunca. Perde a verdade, gosto de saber que aquela beleza é sincera, que foi feita por Deus. É difícil fazer música sem ter alguma ligação espiritual — diz.

Fausto Fawcett exalta 'transgenice mutante'

• Vai ter gente achando que Caymmi está saudosista demais e, Valle, muito místico. Mas até Fausto Fawcett, reconhecido admirador de luras falsas que canta sobre calcinhas exocet e andróides nisei, preocupa-se com o estado das coisas plastificadas.

— Apesar de robocopizada, a mulher continua tendo aquilo que a gente gosta — diz. — Mas acontece que as meninas acham que vão estar mais graciosas se colocarem mais um detalhe plástico, e vinculam muito seu poder de sedução à imagem violentamente esculpida. Caymmi tem um pouco de razão quando fala essas coisas, pois ressalta a pobreza daquelas que se deixaram tomar pela estética do travesti.

Mas a música brasileira também tem uma tradição de crônica de costumes. Se o silicone balança pelas praias (a apurar posteriormente: silicone balança?), ele há que ser registrado.

— Vamos falar das transgenices mutantes que possam trazer uma outra espécie

de graça feminina — avisa Fausto. — Os compositores vão ter de flertar com biogenética, neurociência, astrofísica e urbanismo para poder falar da vida, não há como escapar. Dessas mutantes todas, vão surgir novas mulheres simbólicas importantes.

Quando Pedro Luís, líder do grupo A Parede, fala de mulher na canção "Menina bonita", ele usa metáforas como "seu sorriso é como a brisa/que chega lá do mar". Mas o disco "É tudo 1 real" faz uma crônica carioca urbana falando de camelôs, pedintes, choque de classes. Nesse contexto, ele admite que a mulher-cyborg poderá eventualmente virar um tema.

— Mas não necessariamente gosto de tudo que entra no meu universo temático. Vide uma música como "Miséria S.A.". Trata de um elemento da vida da cidade que não me agrada em nada — diz.

Já Dudu Nobre, que lançou seu primeiro disco ano passado no qual diz ter tentado trazer "uma linguagem mais jovem ao samba" (aviso a quem não conhece: samba mesmo, não pagode mauriçola), é um entusiasta da *bodymodification*. Para ele, o silicone não atrapalha a inspiração. Aliás, ajuda.

— Eu só não falei do peito turbinado nesse disco porque para mim já é tão natural que nem me toquei. Para ser sincero, depois que apertei o tal do silicone, adorei. Agora mesmo estou vendo dois aqui na minha frente que você não tem noção — diz Dudu, evidentemente por telefone.

Aliás, diz Donga, autor de "Pelo telefone", o primeiro samba gravado. Pensando bem, a música brasileira também tem lá sua tradição de falar de tecnologia. ■

O GLOBO

EDITOR: Mara Caballero (maracab@oglobo.com.br)
EDITORA ASSISTENTE: Ana Cristina Reis (anacris@oglobo.com.br)
COORDENADORA DE MODA: Patrícia Veiga
Telefone/Redação: 534-5000
Publicidade: 534-5500
E-Mail: cadernoela@oglobo.com.br

Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 - 2º andar. CEP: 20233-900

Anuncie o seu veículo nos Classificados do Globo e ganhe mais 3 dias nos Classificados do Globo On.

Você leva, ainda, mais de 1,5 milhão de visitas. **534-4333** CLASSIFICADOS O GLOBO